

**III Congresso Internacional e V Nacional Nacional Africanidades e
Brasilidades em Educação 23, 24 e 25 de novembro de 2020
Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e
Brasilidades em Literaturas e Linguística**

**O ARQUÉTIPO DA MULHER NEGRA À FIGURA DA BRUXA:
DUPLA COLONIZAÇÃO NO POEMA A *LENDA DA BRUXA*, DE
CONCEIÇÃO LIMA**

Clara Mayara de Almeida Vasconcelos¹

Rafael Francisco Braz²

Sueli Meira Liebig³

Resumo

O lugar delegado à mulher negra nas sociedades colonizadas é marcado por uma dupla colonização, uma vez que ela foi subalternizada e outremizada por europeu e homens de seu mesmo povo. Dessa maneira, a marginalização da mulher negra em ex-colônias e a sua inferioridade constituía-se como algo indiscutível quando colocada diante da figura masculina. Neste sentido, a inferioridade da imagem feminina negra é duas vezes aprofundada, assim, seguindo a linha de pensamento de Buchi Emecheta (2017) de que não pode haver a independência das ex-colônias sem a independência feminina, este artigo tem por objetivo analisar a representação feminina no poema *A lenda da bruxa*, de Conceição

¹ Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Graduado em Letras – pela Universidade Estadual da Paraíba UEPB.

E-mail: claramay.vasconcelos@gmail.com.

² Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPgPsi na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN - O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Especialista em Língua Portuguesa – UEPB e Graduado em Letras – pela Universidade Estadual da Paraíba UEPB.

E-mail: rafaelbrazprof@gmail.com.

³ Doutora, Professora do curso de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade, UEPB – Campus I, e do Departamento de Letras – CH – UEPB, Campus III.

E-mail: suelibig@hotmail.com.

Lima (2004). Este trabalho se justifica pela necessidade de compreender o desamparo e exclusão sociocultural que as mulheres negras idosas sofrem. Dessa forma, nossa fundamentação teórica baseia-se nas considerações de Ashcroft; Griffiths; Tiffin (2004), Bonicci (2004), Fanon (2005; 2008), Mendes (2017), Ribeiro (2015; 2018), Said (1995; 2003a; 2003b; 2006; 2007) e Silva (2018). Os resultados alcançados nesta pesquisa demonstram que, no poema *A lenda da bruxa*, a mulher negra, pobre e abandonada pela família e pelo Estado é comparada a imagem da bruxa. Desse modo Conceição Lima (2004) denuncia a dupla colonização feminina nas ex-colônias europeias no continente africano.

Palavras-chave: Literatura africana. Outremização feminina. Conceição Lima. *A lenda da bruxa*.

Abstract

The place delegated to black women in the colonized societies is marked by a double colonization, since, she was subordinated and othered by Europeans and men of the same people. In this way, the marginalization of black women in former colonies and their inferiority constituted themselves as something indisputable when placed before the male figure. In this sense, the inferiority of the black female images is twice deepened, thus, following the Buchi Emecheta's (2017) line of thought that there cannot be independence of the ex-colonies without female independence, this article aims to analyse the female representation in the poem *A lenda da bruxa*, by Conceição Lima (2014). This work is justified by the need to understand the socio-cultural helplessness and exclusion that elderly black women suffer. Then, our theoretical foundation is based on Ashcroft; Griffiths; Tiffin (2004), Bonicci (2004), Fanon (2005; 2008), Said (1995; 2003a; 2003b; 2006; 2007) e Silva (2018). The results achieved in this research demonstrate that, in the poem *A lenda da bruxa*, the black woman, poor and abandoned by the family and the State is compared to the image of the witch. Thus, Conceição Lima (2014) denounces the double female colonization in the former European colonies in the African continent.

Keywords: African literature. Female othering. Conceição Lima. *A lenda da bruxa*.

1 Introdução

Ao percorrermos as veredas da literatura, deparamo-nos com diversas formas de representação do feminino seja como protagonistas, heroínas, anti-heroínas ou coadjuvantes que transitam entre a pouca ou quase nenhuma representatividade (sendo desvozeadas) à representação da mulher como sujeito social com direito à voz.

No que concerne à figura da mulher negra, observamos que o lugar o qual lhe é permitido ocupar, na maioria das vezes, é o de subjugação, marginalização e outremização, mesmo quando ela é representada por escritores de seu mesmo povo. Acerca deste fato, Bonnici (2007, p. 67) afirma que “A dupla colonização é a subjugação da mulher nas colônias, objeto de poder imperial em geral e da dupla opressão patriarcal colonial e doméstica”.

O lugar delegado à mulher negra nas sociedades colonizadas é marcado por uma dupla colonização, uma vez que ela foi subalternizada e outremizada por europeu e homens de seu mesmo povo. Dessa maneira, a marginalização da mulher negra em ex-colônias e a sua inferioridade constituía-se como algo indiscutível quando colocada diante da figura masculina.

Neste sentido, a inferioridade da imagem feminina negra é duas vezes aprofundada. Assim, seguindo a linha de pensamento de Buchi Emecheta (2017) de que não pode haver a independência das ex-colônias sem a independência feminina, este artigo tem por objetivo analisar a representação feminina no poema *A lenda da bruxa*, de Conceição Lima (2004).

Este trabalho se justifica pela necessidade de compreender o desamparo e exclusão sociocultural que as mulheres negras idosas sofrem. Dessa forma, nossa fundamentação teórica baseia-se nas considerações de Ashcroft; Griffiths; Tiffin (2004), Akujobi (2011), Badinter (1985), Bonnici (2004), Emecheta (2017), Fanon (2005; 2008), Mendes (2017), Ribeiro (2015; 2018), Said (1995; 2003a; 2003b; 2006; 2007), Silva (2018) e Stevens (2005).

Utilizando-nos de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e documental para o desenvolvimento de uma análise analítico-interpretativa,

segmentamos o presente artigo em três partes para o desenvolvimento das discussões, as quais são: Primeira parte - CONCEIÇÃO LIMA: VIDA E OBRA, BREVES CONSIDERAÇÕES; Segunda parte – O ARQUÉTIPO DA BRUXA: NOTAS SOBRE A DUPLA COLONIZAÇÃO; Terceira parte – DA MARGEM AO CENTRO DA REPRESENTATIVIDADE: A DUPLA COLONIZAÇÃO EM A *LENDA DA BRUXA*.

Os resultados alcançados nesta pesquisa demonstram que, no poema *A lenda da bruxa*, a mulher negra, pobre e abandonada pela família e pelo Estado é comparada a imagem da bruxa. Desse modo Conceição Lima (2004), denuncia a dupla colonização feminina nas ex-colônias europeias no continente africano.

2 Conceição Lima: Vida e Obra, Breves Considerações

Quem é Conceição Lima? Maria da Conceição de Deus Lima é uma jornalista e poetisa são-tomense nascida em 1961 na ilha de Santana que tem como característica em sua escrita a marca das discussões pós-coloniais. Lima estudou jornalismo em Portugal e licenciou-se em estudos afro-portugueses e brasileiros em Londres, pela King's College em que desenvolveu pesquisas na área de “governos e políticas em África” e “Estudos Africanos”, conforme destacam Paradiso; Santos; Sacramento (2019, p. 3).

Conceição Lima publicou pela primeira vez, em 2004, o livro intitulado *O útero da casa* com o qual ficou conhecida como uma escritora africana promissora dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Cf. Paradiso; Santos; Sacramento, 2019). Em 2006 a poetisa publicou a coletânea de poemas *A dolorosa raiz do Micondó*, no qual encontramos o poema *A lenda da bruxa*, corpus deste trabalho. Nos anos de 2011 e 2015, Lima publicou, respectivamente, as obras *O país de Akendeguê* e *Quando florescer salambás no tecto do pico*.

Nas obras de Conceição Lima, vemos o quão comprometida a escritora é com questões referentes ao percurso histórico, cultural e social de seu povo e de sua terra. As marcas das discussões pós-coloniais e do pensamento descolonial são constantes, principalmente quando observadas as mudanças sofridas no que concerne ao espaço que a mulher ocupa. Seguindo o pensamento de Buchi Emecheta que preconiza que a libertação de um país só se dá com a libertação

feminina, podemos notar que São Tomé e Príncipe passa por mudanças a respeito do lugar da mulher na sociedade. Sequeira (2010) afirma que:

Paradoxalmente, o ativismo das mulheres em movimentos que culminaram com a emancipação do país, encontrava correspondência com situações na qual elas, em sua maioria, estavam circunscritas ao ambiente doméstico, independente de trabalharem em empresas agrícolas. Nesse cenário, começa-se a verificar mudanças significativas na situação da mulher em São Tomé e Príncipe. Sobretudo em termos de legislação. (SEQUEIRA, 2010, p. 32)

Esse ativismo das mulheres e as mudanças na situação das mulheres, sobre os quais Sequeira (*idem*) trata, são representações recorrentes na obra de Lima. No poema *A lenda da bruxa*, por exemplo, observamos a representação da mulher negra e pobre em estado de abandono. Dessa forma, Conceição Lima denuncia a condição em que muitas mulheres se encontram em São Tomé e Príncipe com a chegada da velhice delas. Assim, Lima une o aspecto sobrenatural desde o título dado à obra *A dolorosa raiz do micondó* à figura da bruxa no poema quando observamos mais de perto que o micondó⁴ traz, em sua configuração arquetípica, a união entre o mundo sobrenatural e o material, relativo ao princípio de tudo.

Assim, Conceição Lima traz em sua produção poética as histórias que marcam a tão longa passagem do micondó sobre a terra, que traz consigo fatos relativos a tempos imemoriais, e que registrou, ao longo do tempo, a passagem da mulher sobre a terra. A sua dolorosa passagem compartilhada pela árvore, testemunha de sua marginalização, desvozeamento e outremização.

3 O arquétipo da bruxa: notas sobre a dupla colonização

O que são arquétipos? O que ou qual é o arquétipo da bruxa? Estas são questões suscitadas acerca do poema *A lenda da bruxa*, pois é uma imagem ativada a partir da imaginação e criatividade da mente em relação com um contexto socio-histórico e cultural em partilha; que envolve o leitor e o seu conhecimento prévio e o contexto de produção do corpus aqui analisado.

⁴ Nome dado, em São Tomé e Príncipe, à árvore *Adansonia digitata*, popularmente conhecida como Babobá, Embodeiro, Imbodeiro e/ou Calabaceira.

Se partirmos para uma reflexão acerca do que são os arquétipos, relembremos que estes estão relacionados com um padrão, um modelo, um conceito, protótipos, impressões que temos sobre determinado fato ou algo, imagens e símbolos que compõem a cultura, os quais fazem parte do inconsciente coletivo. Podemos observar que:

O arquétipo pode ser utilizado como elemento ou base conceitual para compreender e explorar todos os tipos de experiências nas quais a função criativa da imaginação esteja presente, isto é, imaginais. Isto ocorre devido ao fato do arquétipo manifestar-se ou atuar simultaneamente em vários níveis ou estratos; como imagem, como padrão de percepção ou filtro da realidade e como um afeto ou impulso. Por exemplo, se o padrão arquetípico materno está constelado na psique, há a imagem da mãe, existindo então uma vontade ou impulso para comportamentos e atitudes de cuidado a outras pessoas e, desse modo, uma tendência a perceber o mundo sob a ótica do cuidado. (SERBENA, 2010, p. 78).

Em consonância com a citação de Serbena (2010), correlacionando-a com a imagem da bruxa, apreendemos que esta é uma representação que faz parte do imaginário coletivo e possui um padrão de percepção que, agindo como filtro da realidade quando associado a algo, denota o comportamento do que seriam esses arquétipos.

No caso, a representação arquetípica da bruxa ou feiticeira em que há impulsos, vontades ou impressões de/para comportamentos ou atitudes usualmente associadas a mulheres idosas, que vivem sozinhas, possuem uma aparência não tão aprazível, não possui filhos, entre outras características. Sendo assim, podemos apreender que os arquétipos são “estruturas básicas e universais da psique, os padrões formais de seus modos de relação são padrões arquetípicos” (Hillman, 1992, p. 22).

No que concerne à tipologia da bruxa em análise no poema, não nos referimos àquelas figuras malignas que têm como objetivo fazer o mal ou que possuem poderes sobrenaturais. Ao contrário dessa representação transcendente, a feiticeira Senhora Malanzo possui um caráter imanente; das características relativas à imagem da bruxa, ela possui apenas a aparência física, o abandono, a marginalização, o desvozeamento, a pobreza e a outremização. Ela não exerce o poder, tampouco age como potência. Senhora Malanzo é vítima

de uma sociedade machista, arraigada nos valores sociais, culturais e históricos resultantes da colonização. Sobre esse passado tão presente nas sociedades das ex-colônias, Frantz Fanon faz a seguinte observação:

Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro. E esse futuro não é cósmico, é o do meu século, é o do meu país, da minha existência. De modo algum pretendo preparar o mundo que me sucederá. Pertencço irredutivelmente à minha época. É para ela que devo viver. O futuro deve ser uma construção sustentável do homem existente. Esta edificação se liga ao presente, na medida em que a coloco como algo a ser superado (FANON, 2008, p. 29).

Conforme aponta Fanon (*idem*) na citação acima, associado à discussão acerca dos arquétipos, tal problema humano não e não deve ser esquecido, pois faz parte do contexto de nossa sociedade, no qual as mulheres sofrem duas vezes mais com as marcas da colonização. Essas marcas não podem e não devem cair no esquecimento, tampouco serem naturalizadas. Há, assim, a necessidade de lutar por condições melhores de vida para as mulheres, em que a sua figura não seja diminuída nem inferiorizada diante da masculina.

Aliado a estes fatos, cabe ressaltar que a vinculação da figura feminina à feitiçaria e o seu conseqüente ostracismo não ocorrem à toa. Conforme Silva (2018) destaca:

[...] [os sujeitos acusados de feitiçaria] estão fadados ao abandono pela família e à violência de diversos tipos, dentre eles, a negação de uma vida digna, em companhia de familiares, a usurpação de seus bens, mínimos que sejam, e do lugar social que tradicionalmente lhes era atribuídos pelo saber ancestral e a transmissão de experiências que pudesse guiar novos homens e mulheres. (SILVA, 2018, p. 56)

Conforme apontado acima, na sociedade são-tomense, as pessoas acusadas de bruxaria (em sua maioria mulheres), estão fadadas ao esquecimento, a usurpação de seus bens, a violências, entre tantas outras coisas. Isto ocorre devido a acusações caluniosas de bruxaria que, embora estejamos em uma época pós-iluminista, têm a sua raiz no período medieval, basta observarmos que, para isso, são utilizadas como categoria identificadora do saber ancestral, transmissão de experiências e o curandeirismo.

Esse lugar marginal que a mulher ocupa é resultante das práticas colonialistas e imperialistas que permeiam o imaginário desta sociedade, pois, antes da chegada dos colonizadores, a realidade era outra. O arquétipo desta bruxa é parte da herança colonial cristã, eurocêntrica e falocêntrica que estereotipou e subjugou as mulheres nativas das ex-colônias, consideradas o avesso da mulher branca e ocidental ideal.

4 Da margem ao centro da representatividade: a dupla colonização em *A lenda da bruxa*

Cada perfil de mulher possui uma necessidade diferente, então as discussões sobre feminismos não limitam à mulher branca de classe média que reivindica o direito ao divórcio como ocorreu na segunda onda feminista. Assim, possuímos diversos feminismos: o feminismo negro, o pós-moderno, o radical, o liberal, o ecofeminismo, o marxista ou socialista. Dessa forma, unir os estudos pós-coloniais aos estudos feministas traz contribuições para a reflexão de sua condição em uma sociedade transcultural, sendo assim “o objetivo dos discursos pós-coloniais e do feminismo é a integração da mulher marginalizada à sociedade” (BONNICI, 2004, p. 3231).

As teorias e críticas literárias feministas, assim como as pós-coloniais, propõe um exercício crítico sobre as representações do feminino, seja pelo seu silenciamento, seja pelo seu empoderamento nos textos. No que concerne ao primeiro, estamos em consonância com o pensamento de Bonnici (2004, p. 223) quando ele afirma que “gerações de homens, praticamente de qualquer origem, tomavam como fato indiscutível a inferioridade das mulheres”. Assim, não só os europeus, mas também homens de outras sociedades e culturas perpetuaram em seus textos a condição socialmente inferior imposta às mulheres.

Este se torna um fato importante a ser discutido, pois, se considerarmos a marginalização dos povos das ex-colônias, veremos que a mulher, nesse processo, sofreu duas vezes mais do que o homem com a sua outremização. Subalternizada por europeus e homens de seu mesmo povo, a figura feminina geralmente é representada de maneira hipersexualizada, os seus valores são negados e a sua voz é reprimida. Contudo, podemos observar o esforço para dar

voz às mulheres em seus diversos “femininos”, conforme encontramos na obra da poetiza são-tomense Maria da Conceição de Deus Lima, entre outras características a presença da mulher negra, idosa e pobre.

Conceição Lima, em *A dolorosa raiz do Micondó* (2006), traz em seu poema *A lenda da bruxa* uma representação da mulher africana que pode ser observada à luz dos estudos feministas. Por meio de uma representação árida da mulher, a poetisa denuncia o lugar da mulher na sociedade. Apreciemos o poema abaixo:

A lenda da bruxa

San Malanzo era velha, muito velha.
San Malanzo era pobre, muito pobre.
Não tinha filhos, não tinha netos
Não tinha sobrinhos, não tinha afilhados
Nem primos tinha e nem enteados
Ela era muito pobre e muito velha
Muito velha e muito pobre era.
Era velha, era pobre san Malanzo
Pobre e muito velha
Velha e muito pobre
Era velha e pobre
Era pobre e velha
Velha pobre.
Pobre velha
Velha
Pobre
Feiticeira.
(LIMA, 2006, p. 44)

A representação da “bruxa” feita por Conceição Lima não traz nenhum elemento sobrenatural, assim como o título do poema poderia evocar. Para compreendermos ou identificarmos quem é a bruxa em questão, não precisamos do *Malleus Maleficarum*⁵ e seus métodos de combate aos hereges. Tampouco a personagem do poema, que recebe o nome de Senhora Malanzo, pratica ações reprováveis ou que promovam o mal contra alguém.

Senhora Malanzo, uma mulher velha e pobre – características reforçadas no poema por meio da repetição dos termos, como uma espécie de mantra – não

⁵ Nome, em latim, do livro conhecido como *O Martelo das feiticeiras* originalmente publicado em 1486 ou 1487 que consiste em uma espécie de manual que propagava o ódio e ensinava práticas de tortura com vistas a combater a prática de heresias.

possuía ninguém que pudesse ajudá-la em sua pobreza e velhice, pois não tinha família, por mais longínquo que fosse o grau de parentesco. Assim, a personagem era uma bruxa porque não se encaixava em nenhum padrão que a sociedade espera de uma mulher, pois não tem filho, tampouco netos, o que nos faz apreender que a mesma possivelmente não se casou, haja vista que não se faz referência a este fato.

A condição de São Malanzo é a condição do segmento de velhos e velhas em situação de desamparo, inseridos em um processo de exclusão que se inicia no seio familiar e se fortalece na sociedade, sob a negligência do Estado São Tomé (SILVA, 2018, p. 57).

Desse modo, Senhora Malanzo, em um misto de vestígios de religiosidade por meio de sua caracterização como uma bruxa, representa o eco de vozes femininas silenciadas diante do poder patriarcal que reverbera por meio de representações machistas em que a mulher, para ser considerada socialmente como tal, precisa atender aos estereótipos que a sociedade lhe impõe, além de apresentar, também, o lugar que os idosos ocupam em sociedade – em especial as mulheres no que concerne ao contexto de São Tomé.

Assim, observamos a dupla colonização, opressão e repressão da mulher subalternizada das ex-colônias, práticas que ocorrem devido à experiência de opressão colonial e patriarcal por parte dos homens não apenas brancos, mas negros também.

Assim como Conceição Lima representa a mulher pobre e velha no ceio de uma sociedade patriarcal. É no último verso do poema que Conceição Lima nos revela a característica de Senhora Malanzo que dá nome ao poema. É no último verso que ocorre a sua metamorfose e completa transformação em uma bruxa:

Era velha e pobre
Era pobre e velha
Velha pobre.
Pobre velha
Velha
Pobre
Feiticeira.
(LIMA, 2006, p. 44)

É dessa forma que Conceição Lima traz para o centro essa personagem marginalizada juntamente com a discussão sobre esse tema que muitas vezes é olvidado. O processo de metamorfose da exclusão social de Senhora Malanzo que é várias vezes envelhecida e empobrecida, com tons memorialísticos, levam o leitor à designação da personagem como feiticeira. Feiticeira esta que sofre com os estigmas de sua dupla colonização. Produto das narrativas eurocêntricas que a jogaram à margem da sociedade, sendo estereotipada, empobrecida, vítima de violências e injustiças por pessoas de seu próprio povo.

5 Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo geral analisar a representação arquetípica da bruxa no poema *A lenda bruxa* de Conceição Lima com vistas a observar como essa caracterização da personagem traz a marca do pensamento colonial e imperial na forma como as mulheres nativas das ex-colônias europeias são marginalizadas pelo seu próprio povo como resultado de sua dupla colonização.

Assim, o poema *A lenda da bruxa* denuncia os maus-tratos sofridos pelas mulheres são-tomenses quando acusadas de bruxaria, o que aponta a forte presença do patriarcalismo herdeiro do eurocentrismo, males a serem combatidos incansavelmente nas diversas sociedades contemporâneas, visto que os direitos devem ser iguais para todos, independentemente de qualquer coisa, dentre elas o gênero.

Dessa forma, observamos como Conceição Lima e a sua obra são marcadas pela luta constante contra a marginalização e outremização do feminino ao dar voz a quem a sociedade falocêntrica tenta sufocar. Destarte, a escritora faz com que os olhares se voltem para fatos como este e os questionem, uma vez que a luta contra a herança imperial e colonial é uma necessidade constante.

Referências bibliográficas

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The empire writes back*. London; New York: Routledge, 2004.

BONNICCI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2004.

_____. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICCI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem (Editora da Universidade de Maringá), 2004, p. 223-229.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

_____. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008

Hillman, J. *Psicologia arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 1992.

LIMA, Conceição. *A Dolorosa Raiz do Micondó*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

PARADISO, S. R.; SANTOS, J. C. G.; SACRAMENTO, M. C. Religiosidade e empoderamento feminino na poesia de Conceição Lima. In: *Revista África e Africanidades* –Ano XII –n. 32, nov. 2019 -ISSN 1983-2354. Disponível em: <www.africaeaficanidades.com.br>. Acesso em 07 de dezembro de 2020.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Cultura e Resistência*. Edward Said: entrevistas do intelectual palestino a David Barsamian. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. O choque da ignorância. In: SAID, Edward. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003a.

_____. O choque das definições. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

_____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SERBENA, C. A. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. In.: *Diálogos (Im) Pertinentes – Dossiê Inconsciente. Revista da Abordagem Gestáltica* – XVI (1): 76-82, jan-jul, 2010.

SILVA, A. M. S. *Cantos Poéticos no Oká: aspectos culturais do passado e do presente em São Tomé e Príncipe*. Belo Horizonte: Cadernos CESPUC, Contexto: 2018.

SILVA, C. V. S. Magia e Feitiçaria na Colônia: a originalidade das práticas sincréticas. *Revista Historiador*, Número 04. Dez. de 2011 Disponível em:<<http://www.historialivre.com/revistahistoriador>>, acesso em julho de 2019